

14 AGO. 1987

Plan. Brasil

ADUBOS TI

POLÍTICA ECONÔMICA

Os cuidados que o Banco Central toma com a expansão da economia

por Maria Clara R.M. do Prado
de Brasília

A economia brasileira atravessa um momento delicado e requer do governo uma fina dose de atenção. As pressões por aumentos de salários mostram uma nítida tendência de expandirem-se por vários setores enquanto no meio empresarial existe já uma preocupação com as medidas tomadas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) e que visam enxugar a liquidez do sistema financeiro.

"Ainda ontem um industrial me ligou manifestando apreensão com as decisões que seriam tomadas pelo Conselho porque o setor ainda não foi devidamente irrigado pelos pedidos do comércio e ele me sugeriu que o governo aguardasse mais um pouco", conforme colocou o presidente do Banco Central, Fernando Milliet.

Milliet respondeu ao industrial: "É muito perigoso esperar porque corre-se sempre o risco de uma retomada do consumo nos moldes do ano passado e depois que isto se caracteriza não tem mais jeito".

VENDAS

Aqui e ali, o governo começa a sentir neste mês uma recuperação nas vendas de produtos em setores específicos. Confirmou-se neste mês a recuperação da demanda interna por automóveis, por exemplo, e a indústria especializada em caminhões pesados está trabalhando a plena carga, conforme testemunho



Fernando Milliet de Oliveira

do presidente do Banco Central.

Por outro lado, acompanha de perto os acertos entre as empresas e seus empregados em torno da antecipação do pagamento do resíduo salarial. "Se a avaliação dos empresários estiver correta, ou seja, se há ganho de produtividade com eliminação da capacidade ociosa, as empresas criam condições de pagar maiores salários sem repercussão em seus preços e, neste quadro, estamos no melhor dos mundos."

O problema é que se desenvolva este ano o que ocorreu a partir de meados do ano passado, quando os salários continuaram aumentando generalizadamente sem a contrapartida do crescimento na oferta de produtos. "Tudo está presente nas possibilidades do desempenho da economia e temos de administrar isto com equilíbrio",

atestou Milliet, para quem todo o cuidado é pouco para que se possa alcançar o sucesso do plano que buscou a queda brusca da taxa de inflação e espera manter estabilizada em patamar baixo daqui para frente.

INFLAÇÃO

Sobre a perspectiva de que a taxa de inflação alcance a marca dos dois dígitos já em outubro, conforme preocupação que alguns economistas manifestam, prefere usar também aqui de cautela ao dizer que tudo vai depender justamente dos fatores de pressão da demanda e de liquidez.

"Por enquanto, nada indica que a inflação subirá além do patamar atual." Existe, a partir deste mês uma situação que vai, pelo menos, imprimir maior credibilidade à variação do IPC — Índice de Preços ao Consumidor — contabilizado pela Fundação IBGE.

Durante o mês de julho, o percentual de 3,05% apurado em cima dos preços colletados entre 16 de junho e 15 de julho em comparação com o vetor de junho, revelou-se como um indicador não muito consistente para espelhar a inflação do período.

O mercado preferiu trabalhar com os demais índices de preços, o que não deixou de trazer distorções. Há quem esteja convencido, mesmo dentro do governo, de que a taxa da LBC de julho (de 8,16%) não trazia embutido qualquer ganho real. Esta incerteza deve desaparecer a partir de agora, na opinião

do presidente do Banco Central: "O IPC de agosto tenderá a convergir para os demais índices".

POUPANÇA

A partir da experiência do Plano Cruzado, o governo hoje está fazendo um controle maior do movimento das cadernetas de poupança e o presidente do Banco Central garante que neste mês de agosto não houve, até agora, saque a ponto de comprometer o saldo deste ativo — "a poupança está absolutamente estável, com depósitos líquidos, embora um pouco abaixo do que foi captado em julho" — e fez uma avaliação no sentido de que mesmo que haja saques, isto não deve ser automaticamente relacionado a um crescimento da demanda.

Neste ano, houve um movimento expressivo de depósitos da parte de grandes investidores que arbitraram em favor deste tipo de aplicação. "Nós ficamos com um excesso de dinheiro na poupança que até aqui só cumpriu com a finalidade de irrigar o governo (através dos depósitos voluntários junto à autoridade monetária) diante da paralisação do mercado imobiliário", disse ele, indicando que estes "investidores sofisticados" podem arbitrar agora em alocar seus recursos nos CDB, por exemplo. Neste caso, o movimento seria apenas de transferência de um ativo para outro, sem alterar o equilíbrio do sistema financeiro e sem portanto, constituir fonte de pressão de demanda.